

A CABEÇA DO SANTO

Uma proposta de compreensão sensível ao conceito religioso na sociedade brasileira

A CABEÇA DO SANTO

A proposal for a sensitive understanding of the religious concept in brazilian society

Eduardo Bonine¹

Resumo:

“A cabeça do santo”, livro da escritora Socorro Acioli, revela um Brasil costurado pela religião, para além de um conceito dicotômico entre as performances religiosa e social. Esta resenha propõe uma reflexão acerca das costuras que a narrativa apresenta sobre a compreensão de religiosidade entre os brasileiros e as brasileiras, para além disso, convida cientistas da religião à leitura por meio de um olhar decolonial para compreender a cosmopercepção em constante devir de uma sociedade que não se encaixa na epistemologia hegemônica da disciplina.

Palavras-chave: Literatura e religião; Cosmopercepção; Estudos afro-diaspóricos; Estudos decoloniais.

Abstract: “

A cabeça do santo, book by the writer Socorro Acioli, reveals a Brazil sewn by religion. This review proposes a reflection on the seams that the narrative presents about the understanding of religiosity between brazilians and invites scientists of religion to read through a decolonial look to understand the cosmoperception in constant becoming of a society that does not fit the discipline’s hegemonic epistemology.

Keywords: Literature and Religion; Cosmoperception; Theology; Decolonial studies.

¹ Jornalista. Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP, pesquisador no grupo Veredas: o imaginário religioso. dubonine@gmail.com

Introdução

A leitura do romance da escritora cearense Socorro Acioli pode proporcionar uma impressão direta ao que Antonio Candido² diz a respeito da literatura como um direito de todo ser humano: caminhar pelas linhas e entrelinhas de “A cabeça do santo” deveria ser um direito social garantido a todos e todas.

Além de um passeio através das ruas, das estradas e do chão ambientados no romance, quem tiver a oportunidade de conhecer a peregrinação da personagem Samuel perceberá a necessidade social da leitura, principalmente por trazer à tona temas urgentes a cidadãos e cidadãs brasileiros.

Temas que a professora e pesquisadora Lilia Schwarcz elencou em “Sobre o autoritarismo brasileiro”, um exame (nem um pouco ficcional) das raízes antigas e profundas do autoritarismo praticado no país mascarado pela mitologia nacional.

A ficção de Acioli e a ciência de Schwarcz encontram-se nas reflexões sobre escravidão e racismo, mandonismo, patrimonialismo, corrupção, desigualdade social, violência, raça, gênero e intolerância³. Dessa forma, acessar a literatura, que pode ser uma atividade prazerosa de descanso, deveria ser o direito defendido por Candido, por ocupar um lugar também de “conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”.

Quem se envolve de alguma forma com a jornada de Samuel também se surpreende com o autoritarismo brasileiro, tão na carne, marcado a ferro e a fogo na memória, nos corpos e no cotidiano do país.

A reflexão proposta neste texto abordará aspectos afins à disciplina de Ciência da Religião, por meio de temas que atravessam diretamente a epistemologia dessa ciência. Em meio a períodos tão autoritários e a práticas político-estatais de genocídio, perceber

2 CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

3 SCHWARCZ, 2019. Esses são os aspectos levantados pela pesquisadora que representam o comportamento autoritário dos indivíduos no país. Em seu livro, Schwarcz procura revelar o que está por trás da mitologia nacional de um comportamento harmônico e cordial inerente a todos os cidadãos e todas as cidadãs, por meio de uma natureza sem conflitos. Ela inicia sua reflexão por meio do alerta de que “história não é bula de remédio” e termina lançando mão de um advérbio para marcar sua sentença de forma temporal: “quando o fim é também o começo, nossos fantasmas do presente”.

que a literatura também pode se revelar como um dispositivo subversivo, um instrumento de combate e um aceno para novos horizontes é um exercício, no mínimo, prazeroso.

Leitura de subversão

“Diante da morte do Brasil só nos resta, paradoxalmente, a vida. Viver é a nossa mais subversiva tarefa”. Essa frase do historiador Luiz Antônio Simas, em entrevista ao Suplemento Pernambuco poderia descrever não só a realidade brasileira, mas, também, a realidade fantástica do país-cenário da andança de Samuel.

Nas 168 páginas do livro de Acioli há um Brasil morto e brasileiros e brasileiras vivos. Há, também, um Brasil vivo, enquanto os seus e as suas morrem.

O que a literatura, por meio de uma análise enviesada (por acadêmicos que talvez não compreendam as frestas do país) classificaria como realismo fantástico ou como realismo mágico⁴, um olhar mais sensível perceberá a realidade de um país que morre por padecer de desencanto.

É por meio desse olhar que este texto convida quem o lê a refletir sobre essa (1) cabeça, sobre esse (2) santo e sobre o terceiro aspecto (3) a cabeça do santo. Enquanto o primeiro estaria simbolicamente ocupando um lugar racional, longe da ficção, perto da escorregadia realidade, o segundo se aproxima do mítico, do fantástico, dos símbolos necessários para representar o que só cabe ser forjado. Diante desses dois, há um terceiro, o encontro, o encanto para não desencantar. A vida para não morrer. A cabeça do santo.

Esta reflexão propõe três caminhos oportunos para cientistas da religião percorrerem enquanto dão as mãos a Samuel e o acompanham em sua jornada: a laicidade, o conceito de religião e a oralidade.

4 Definição para classificar obras literárias, pós anos de 1940, em que a estrutura narrativa se apresentava como alternativa ao realismo e ao naturalismo; o primeiro por se encarregar de expor a sociedade em sua aparente realidade e o segundo, expondo com uma característica a mais: a cruzeza. O realismo mágico (ou fantástico) lançou mão dessa exposição sem perder uma das principais características da América Latina, dos indivíduos da terra, a força da oralidade, das memórias, da fantasia como estratégia de sobrevivência, tanto para passar adiante ensinamentos, quanto para não sucumbir à crueldade de uma vida colonizada. Os elementos sobrenaturais, em um realismo mágico, não se contrapõem à realidade, mas acrescenta uma experiência a ela, um cotidiano.

Pensar nesse símbolo mitológico brasileiro de laicidade do Estado⁵ oferece um caminho que pode ir além da compreensão conceitual do termo e mais próximo da indagação: a quem interessa abrigar debaixo da falácia de laicidade e a quem se mata por meio dessa mesma falácia?

Outro curso é a interrogação acerca do conceito de religião e sua costura com a sociedade, uma vez que a compreensão de religiosidade, para as personagens, não está separada de sua prática social, pelo contrário. Na trajetória de Samuel, é possível perceber que, embora o santo seja uma representação do imaginário católico, é também uma interpretação atravessada pela vivência de cada personagem, logo, não cabe ameaçá-los com a morte, mas o desencanto se torna uma ameaça devastadora.

Essa sensibilidade de leitura só vem à tona quando o leitor se abre para outras perspectivas de interpretação, para uma leitura decolonial daquilo que aparentemente serviria de atestado legítimo para o cânone, mas que representa, nas frestas, não o contrário e, sim, uma alternativa: as personagens se organizam por meio de outras cosmopercepções⁶.

Além desses, um terceiro rumo também pode ser tomado para caminhar com as elaborações propostas pelo livro, o da oralidade como ferramenta de análise social. A narrativa pode ser apenas mais um “causo” de quem falou que ouviu falar lá de longe um outro contar, porém, o que surge nas falas das personagens e como atravessa o leitor pode ser uma relevante estratégia de estudo para compreensão dos saberes que constituem

5 MOUFFE, 2005. Uma proposta interessante de debate sobre laicidade do Estado é a Mouffe em democracia agonística, em que se aproximam do debate os diferentes, rompendo com a ideia de naturalização das fronteiras de democracia. Isso propõe um distanciamento do mito de cordialidade nacional e uma aproximação do conflito necessário de trazer à tona os corpos e as histórias vítimas da falácia do Estado Laico, uma vez que, no Brasil do desencanto, religião não é a de todos e de todas, apenas a dos que comandam a política e a ciência.

6 OYÈWÙMÍ, 2011. Entende-se por cosmopercepção uma categoria analítica para conferir a autenticidade a grupos subalternizados pelo cânone hegemônico. Na construção de uma epistemologia de apropriação do Outro há um processo de colonização de pensamentos e de corpos. Perceber, ao ler o livro de Acioli, que a jornada de Samuel pode ser entendida como um processo não de submissão a demandas dos poderosos, mas como uma ferramenta de encanto, de re-existência, é se deparar com uma percepção de vida em que o medo não está na morte, mas no desencanto.

uma sociedade.

A cosmopercepção, em síntese, atribui um caráter na formação social do indivíduo em que ele se compreende não apenas pertencente da sociedade, mas como agente dela. Essa compreensão, justamente, ultrapassa seu corpo, sua mente, seu espírito, que em uma perspectiva ocidentalizada estão separados. Se no Ocidente compartimentaliza em definições distintas as experiências de corpos, de mentes, de religiosidades em um processo de domesticação de existências, em outras organizações essa lógica processual não se aplica, uma vez que corpo, mente, religião compõem a totalidade do indivíduo que, por sua vez, compõe a sociedade.

Dáí é possível trazer à baila o argumento de laicidade como um instrumento ocidental de domesticar existências. A partir do secularismo francês de rejeição das influências religiosas na ordem do Estado, pós Revolução Francesa, há uma aparente solução individual para um problema estrutural. Aparente porque, primeiro, religião não necessariamente representa um problema que precisa ser solucionado. Validar uma categoria (Estado) em detrimento de outra (Religião), estabelecendo ambas em direções opostas, anula toda a complexidade da existência individual que compõe uma sociedade.

Por isso, a compreensão analítica da cosmopercepção oferece um novo horizonte para o debate de laicidade como um instrumento ocidental de controle de corpos. Não se separa Estado de Religião como se seres humanos não fossem indivíduos religiosos que se organizam em um Estado.

Propostos esses três caminhos como um convite a cientistas da religião que se predispuserem à leitura, fica um estímulo metafórico à jornada de Samuel. Como ele, que iniciou seu percurso a fim de cumprir a promessa feita à mãe em seu leito de morte, de acender uma vela ao pé de três santos, são Francisco, santo Antônio e padre Cícero, fica a iluminação desses três temas tão necessários de revisão em nossa disciplina: a laicidade, o conceito de religião e a oralidade como recurso metodológico.

Santos podem ser só imagens e um pesquisador pode se contentar com uma revisão bibliográfica de seu tema; mas santos podem ser oportunidades e um pesquisador pode, também, enxergar por outras lentes.

O Brasil das frestas

No livro, além de acompanhar a peregrinação de Samuel por Candeia, com o intuito de cumprir a promessa feita à mãe, acompanha-se também um Brasil feito e refeito pelas frestas, como categoriza o historiador Luiz Antonio Simas:

Aquelas que driblam o padrão normativo e canônico e insinuem respostas inusitadas para sobreviver no meio que normalmente não as acolheria. (...) Temos cada vez mais a necessidade de ousar olhares originais contra a tendência de normatização, unificação e planificação dos modos de ser das mulheres e dos homens no mundo. Nossa tarefa brasileira é a de superar a exclusão e, ao mesmo tempo, a ideia de missão civilizadora que insiste exclusivamente nos padrões de representatividade, consumo e educação engessados pelo cânone. (SIMAS, 2020, p. 27 e p. 28)

É por meio dessa cultura de frestas revelada em uma narrativa não só fantástica que a história de Samuel é desenvolvida.

Ele recebe o pedido de acender três velas, aos pés de três santos diferentes, além de visitar a sua avó paterna para resgatar seu contato com o pai, em uma alegoria com a busca por sua própria ancestralidade, elemento relevante para a cosmopercepção africana, em que as narrativas dos mais velhos são elementos de compreensão moral e histórica.

A autora descreve a personagem com qualidades de um brasileiro que, dada a perspectiva hegemônica e colonizadora, não deve existir. Suas características físicas colocam-no em um lugar próximo de um não-lugar. Dessa forma, sua trajetória é observada pelas frestas da narrativa brasileira, pela história que a História não conta:

Os cabelos escuros e lisos cresciam rápido e já escorriam de forma irritante sobre a testa, atrapalhando a vista. Tinha olhos pequenos, sobrancelhas fartas e juntas acima do nariz, boca carnuda e traços de índio, herdados da mãe, Mariinha. Samuel era um corpo magro e faminto, quase uma sombra, que não parava de andar. Quase de horas de caminhada por dia. Pouca água, comida rara, sono em cotas breves. Tudo ficou pelo caminho: juventude, alegria, pedaços de pele,

mililitros de suor, quilos do corpo e os parcos e velhos fios de esperança de que houvesse alguma coisa invisível que ajudasse os homens sobre a Terra. (ACIOLI, 2014, p. 13)

Nessa jornada, ele se isola na cabeça de um santo, um monumento inacabado em uma cidade que padece de estruturas sociais e sofre com o abandono de um projeto político.

Esse estar e abrigar-se em uma cabeça de santo poderia ser observado por meio de várias análises, por meio da compreensão de como se revela o acesso ao lugar religioso em uma cultura monoteísta. Porém, por meio de outra ótica, com sensibilidade a essa narrativa das frestas, a leitura pode revelar um santo que está em cada um, em uma sociedade que não prioriza indivíduos para competirem entre si em busca de uma narrativa meritocrática para ascender à prosperidade, mas que prioriza a trajetória de cada indivíduo porque todos constituem uma sociedade, porque o grupo social depende da harmonia conflituosa e do conflito harmonioso de cada um.

A laicidade frágil na retórica da civilidade, de um Estado que dribla por conveniência o lugar das religiões em uma premissa de única religião, pode ser observada no projeto de erguer a imagem de um santo que sustentaria economicamente a sociedade, mas que por ter sido abandonado, condena todo o lugar à escassez.

Logo no início do livro, encontra-se uma cidade desamparada, vítima de um projeto de apagamento histórico, legada a um esquecimento que, também, pode ser observado pela retórica de um projeto genocida de apropriação das narrativas e mortes dos corpos:

Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igrejinha velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado, outras, invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes. O único sinal de vida vinha de um bar aberto. Duas mesas de madeira na frente, um caminhão, um homem e uma mulher na boleia ouvindo música, entre abraços, beijos e carícias ousadas. (ACIOLI, 2014, p. 17)

O trecho revela, inclusive, a insistência em permanecer, das duas personagens observadas, que sobrevivem no ermo, trocando carícias ousadas, mas num recurso também ousado de continuidade. A seguir, o narrador compara Candeia a Juazeiro, revelando uma cidade viva, o que nos permite entender pelas frestas que o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto:

Em Juazeiro tinha gente, a cidade era viva. E no meio daquele povo todo sempre se encontrava uma alma boa como a de sua mãe, uma moça bonita, um amigo animado. Candeia era morta. Pior ainda naquela hora, quando até o sol iniciava o seu funeral de todos os dias. (ACIOLI, 2014, p. 17)

A oralidade fica aparente no esforço inclusive da autora de perceber as realidades presentes nas frestas do Brasil. A cabeça do santo abandonada, descrita em seu livro, foi inspirada em uma notícia de jornal.⁷

A narrativa por trás, ficou na sua disponibilidade de permitir-se ouvir o que os outros tinham para contar. E escutar os relatos. Mais do que um ato de confiança, é um movimento de escuta, a sensibilidade de não se entender sozinho, enaltecendo sua individualidade, mas pertencente ao todo, disposto a ser tocado pelo Outro.

No livro, a personagem também passa por essa necessidade de escuta para conseguir se perceber como parte do todo, pertencendo também à sociedade, para além disso, alguns parágrafos também apresentam a oralidade não como suspensão da crença, mas como legitimação dela:

Bateu a madeira velha da porta com força e sumiu. Nenhum rastro de som lá por dentro. Por todo esse tempo Samuel permanecia com a barriga colada no portão de ferro e a mulher de cabelos desgrenhados do outro lado. Não foi assim que Mariinha descreveu a velha Niceia. Não foi assim que ele imaginou o encontro com sua avó. Ela chamou a chuva, pediu que viesse. Antes, pouco antes, o céu estava limpo, sem dar sinal nenhum de que as nuvens estavam para chorar. Todas as nuvens do céu choraram ao mesmo tempo. (ACIOLI, 2014, p. 25)

7 PASSOS, 2017. Em seu artigo, a autora revela que a escritora Socorro Acioli desenvolveu a história do livro após a leitura de uma notícia de jornal, em que um projeto de monumento a um santo foi abandonado durante a obra.

A literatura pode ter o aval da suspensão, mas se o conceito epistemológico de classificação é o realismo fantástico, há realidade e há fantasia. Por isso, há cabeça. E há santo. Na fresta surge, então, “A cabeça do santo”.

Em nossa disciplina, é possível refletir: haveria cabeça do santo se não houvesse Socorro Acioli para transformá-la em livro? E por ter publicado como literatura, há legitimidade nessa história? E os paralelos com as estruturas sociais elaborados até agora, invalidam o lugar?

Se há cabeça e se há santo, o encontro dos dois elementos é a superação da exclusão, missão civilizadora do colonialismo, e a percepção contundente da contribuição legítima da memória oral para a produção científica, social, cultural e histórica:

No estudo de poéticas e políticas orais constata-se que o corpo fala e que a memória oral faz dele o seu suporte. Têm-se então interações corpo/memória ou corpo comunitário/tradições orais. Os corpos de tradições orais são gestados ao longo do tempo e precedem sua publicação. (BRITO, 2020, p. 91)

Quanto ao conceito de religião, a jornada que se inicia como promessa à mãe, passa pelo encontro, como descrito, com “oito pessoas feitas de fé: três homens, duas mulheres, três crianças. Todas usando túnica marrom de pano grosso exatamente igual à que são Francisco usava – eles tinham o direito de acreditar nisso.” (p. 14), envereda para uma apropriação um pouco balizadora do limiar religioso e que não será revelada aqui para não estragar o prazer da leitura e termina em outra estrada.

Essa compreensão da fragilidade de um conceito religioso para representar todas as percepções de religião é a chamada, talvez, mais provocadora a pesquisadores e pesquisadoras da área: religião atravessa experiências, grupos religiosos se organizam em pluralidade e singularidade, a lógica realista-fantástica da América Latina não cabe aos conceitos hegemônicos, como a cosmopercepção não cabe nos padrões da epistemologia canônica.

Dessa forma, “A cabeça do santo”, além de se revelar uma prazerosa leitura, um passeio por um Brasil à sombra de ufanismo nacionalista, cheio de brasilidades, de ritos e de corpos-memórias, é uma aula de Ciência da Religião.

A reflexão final fica a cargo do narrador do livro:

Restavam apenas os seus vinte e oito anos e o endereço de poucas palavras no bolso esquerdo. Às vezes o pequeno pedaço de papel pegava fogo e torrava a única pista do seu destino. Samuel enfiava a mão no bolso com desespero: era o pior do elenco de pesadelos daquela jornada. Ele queria chegar lá, no lugar indicado por oito palavras e um número. Chegar lá era a única coisa que tinha na vida. (ACIOLI, p. 13)

Não sei se reflexão ou se um convite à leitura. O livro não pretende ser taxativo, igual à ciência social: precisamos, cada vez mais, do conflito.

Referências:

ACIOLI, Socorro. *A cabeça do santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BRITO, Ênio José da Costa. *Veredas interculturais: leituras decoloniais sobre religião, história e literatura*. São Paulo: Recriar, 2020.

CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995

MOUFFE, Chantall. *Por um modelo agonístico de democracia*. Revista de Sociologia e Política, n. 25, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071> (Acesso em 13 fev. 2021)

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *Gender Epistemologies in Africa: Gendering Traditions, Spaces, Social Institutions and Identities*. New York: Palgrave, 2011.

PASSOS, Vanessa Paulino Venâncio. *O entrecruzamento da história e da ficção, consoante Paul Ricoeur em A cabeça do Santo, de Socorro Acioli*. Percurso da Literatura no Ceará, Universidade Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.ufc.br/bitstream/>



riufc/45894/1/2017_captiv_vpvpasos.pdf (Acesso em: 13 fev. 2021.)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Recebido em: 31/03/2021

Aprovado em: 27/04/2021